

OS SIGNIFICADOS DO VELÓRIO DE ANJINHO NA RELIGIOSIDADE POPULAR A PARTIR DE UMA CANÇÃO DE VIOLETA PARRA

Brena Caroline B. de Souza Miranda
Graduanda em Arqueologia/Universidade Federal de Rondônia.

RESUMO: O presente ensaio tem por objetivo uma breve exposição sobre o ritual do Velório de Anjinho e os significados nele embutidos, dentro do contexto das representações de morte no universo da religiosidade popular, em especial a chilena, através da análise da canção “El Rin del Angelito”, de autoria da folclorista Violeta Parra.

Palavras-Chave: Ritual funerário; Velório de Anjinho; Violeta Parra.

*“(…)Acham-se aqui; faltou-lhes o batismo,
Portal da fé, em que és ditoso crendo.”*

Divina Comédia, Inferno, Canto IV

Analisar qualquer um dos aspectos da obra de Violeta Parra gera, evidentemente, inúmeros desafios no que tange a compreensão das dificuldades inerentes à multiplicidade de planos que nos oferta o cancionero popular, a carga simbólica atrelada a cada verso, as interrelações contextuais e as nuances características das emanações criativas e apontamentos pessoais (em geral de forte caráter político) desta que, discordem alguns, é um mito latino americano; não desmerecendo, porém as obras de outros compositores que perpassam igual caminho. Neste ensaio inspirado pela canção “El Rin de Angelito” (o Rin¹ do Anjinho), abordaremos alguns aspectos ritualísticos do velório de Anjinho, apontando semelhanças entre dois contextos distintos, um no Chile e outro no Brasil.

Contudo, antes de adentrarmos o tema principal, cabe uma breve nota sobre a artista cuja obra promoveu essa reflexão. Violeta del Carmen Parra Sandoval, nasceu em San Carlos, região campesina do sul do Chile, em outubro de 1917. Filha de um professor de escola primária e de uma costureira, Violeta cresce entre nove irmãos em

meio a privações financeiras que se agravam após a morte do pai. Com o violão, que aprendera a manejar sozinha, e ao lado dos irmãos, costumava cantarolar pelas ruas em troca de algumas moedas. A atmosfera artística sempre pairou sobre a família Parra, sendo o pai cantor e violonista nos bares da cidade para complementar a renda, e a mãe também cantora e artesã. *Violetita*, assim como os irmãos, desde tenra idade demonstrou a paixão pelo canto e pelos desenhos, segundo conta Eduardo Parra, no documentário biográfico “Viola Chilensis”, do cineasta Luis Vera.

A obra poética de Violeta se desenrola a partir de uma matriz proletária e de anseios revolucionários que se alinham com o desejo profundo de absorver do povo e regurgitar a ele sua riqueza, ademais da ideia da subjetividade da terra, e das profundas raízes fincadas nas tradições orais que se contrapunham fortemente a denominada “música de arte”, dentro da segmentação proposta pelo universo composicional da época, fundamentalmente organizado sob uma sólida divisão entre os ‘matutos’, os providos de conhecimentos acadêmicos (e portanto detentores de ferramentas teórico-musicais) e aqueles cujo conhecimento fora forjado pelos conservatórios, os portadores do estandarte da música culta.

A música típica, de valorização regional, dotada de elementos modais e tonais particulares, estava nesse contexto, passiva de um resgate. Violeta, mulher do povo, defensora das tradições, chamou a si essa tarefa, e percorrendo grandes extensões de terra e vivências, tomou notas das expressões culturais peculiares dos povos da cordilheira. “El Rin del Angelito” insere-se nesse macrocosmo que a partir do filtro do gênio poético e sensibilidade da folclorista, como diria o escritor Cristian Wanken, em seus últimos anos deu a conhecer a partir de uma percepção particular, todo um jogo ritual alicerçado na representação da morte de menores de sete anos.

**“Ya se va para los cielos este querido angelito... a rogar por sus abuelos
Por sus padres y hermanitos...”**

A literatura dos velórios de anjinhos está permeada por modos particulares de concepção deste ritual euro-americano, que segundo os relatos de viajantes estrangeiros devia a sua natureza espetacular a grande influência da igreja católica e a uma “*certa promiscuidade*” por parte da intromissão de cultura nativa (Ewbank *apud* Vailati, 2011: 1). No Brasil, (Consoante Reis *apud* Santos, 2010: 10) aponta como anjinho a criança

cuja morte deu-se posterior ao *sacramento do batismo*. Deste modo, eximida do martírio do purgatório, a criança se desvencilhava de quaisquer vestígios terrenos, como o leite materno ingerido, e ascendia diretamente aos céus. As crianças não batizadas, por sua vez, eram destinadas ao limbo, lugar monótono onde o tempo permanecia estático. Seus choros agudos denunciavam aos vivos sua triste condição. Convinha então o batismo póstumo. Após o espargimento de água santificada nos pequenos túmulos, as crianças enfim poderiam tornar-se anjos. Segue um trecho do relato da Sra. Terezinha Barros sobre essa prática com ligeiras modificações, ocorrido em um seringal localizado no sudoeste do Amazonas, por volta de 1959:

“O velório foi muito lindo. Teve muita gente. Eu me lembro bemzinho, foi umas oito horas. Muito lindo o enterro do bichinho que era um menino. Ele não tinha nome porque nasceu morto. Ele foi batizado em casa pelo rezador. Daí ficou sendo José. José Torres. Já tinha água benta na casa, o padre ia de 6 em 6 meses levar a cruz benzida pra pregar na parede, água santa e dar umas medalhinhas pra butar no pescoço da gente (...) então pela água benta, pegaram uma cuinha, o bebê mortinho já né, vestido com aquela túnica, feitinha assim, com as manguinhas compridas parecido com o menino-deus, os pezinho juntinho, durinho o bichinho. Aí a mamãe colocou na mão, papai foi botou a água, os padrinhos já tavam ali do lado. Aí rezaram e aí papai botou nele mortinho, um paninho assim na cabecinha dele e aí colocaram assim... parecido assim uma coroa, toda enfeitadinha, aquelas florzinhas de papel. Aí faziam parecido uma grinaldinha do bichinho e faziam uma cruzinha assim com umas coisinhas parecido com umas estrelinhas (...) Meu pai falava que tinha que batizar porque senão eles não subiam pro céu, ficavam vagando na terra. E com o batismo, com a água sagrada que Deus deu, que ele chamava, que era o padre que benzia, eles tinham força de subir lá pro céu, pra morar com Deus.”²

O batismo, portanto, dentro da cultura funerária geralmente era tido como um critério sócio-religioso que estabelecia um limiar entre o sagrado e o profano, visão esta adotada em regiões marcadas pela influência da Igreja Católica. Na ausência de batismo incluso, a criança não poderia ter lugar no *campo santo*, no cemitério. Esta visão, porém foi ampliada no decorrer do século XX, englobando na categoria de anjos também as crianças *pagãs* (Santos, 2010).

É constante a associação das crianças mortas à anjos, mártires e mesmo ao próprio menino Jesus, sendo recorrente a crença de que a criança, chegada aos céus, viesse a possuir algum poder intercessor (Vailati, 2011). Assim, o velório era arranjado de modo que a criança fosse representada como um anjo, tal como concebe a mentalidade cristã.

Renato Gajardo expõe em sua tese um outro interessante relato sobre o velório de anjinho. Este na região do pampa do Salitre, sudoeste chileno, testemunhado e narrado pela Sra. María Moscoso:

“(...)Impactante fue para mí ver el velatorio de Luchito, era muy inusual que murieran niños, la manera como prepararon su velatorio me dejó un recuerdo imborrable. Aurora preparó un altar sobre una mesa, de fondo puso un telón celeste con estrellas, simulaba el cielo, es una humilde silla de mimbre sentó a su angelito, le preparó unas lindas alitas de papel blanco, una corona dorada adornaba su cabeza, sus manos unidas en señal de oración amarradas con un cordón de seda y una túnica blanca. Era su mortaja.”

No Chile, as famílias de baixa renda que não contavam com recursos para prover bebidas e alimentos aos convidados que velariam sua criança, e na certeza de que deveriam fazer algo a altura da ocasião, se aproximavam de donos de taverna que “arrendavam” o anjinho, provendo os recursos necessários para o velório em troca de um lugar no céu. Nestes ambientes a festa não possuía um caráter solene, era antes vibrante e ruidosa (Salinas *apud* Guzmán, 2011). Salinas também retrata o perfil dos velórios de anjinho, no berço da tradição, a Espanha. Ruiz Aldea conta que o velório de uma criança entre o povo andaluz era motivo para grande festa, pois se festejava nesta ocasião a chegada de mais um anjo ao céu. O velório, apesar de seu principio religioso, consistia na celebração do anjinho com o que se havia de mais profano: bebedeiras, jogos e obscenidades das mais diversas, costume esse profundamente desaprovado pelas elites que viam nos excessos praticados pelas populações rurais em torno do cadáver, uma manifestação de selvageria, prova cabal de sua inferioridade cultural (Aldea *in* Salinas *apud* Guzmán, 2011). Essa valorização do desregramento durante o velório, da busca pelo prazer imediato através do consumo de álcool e práticas libertinas, nos conduz à ideia de uma tentativa de amenização da dor, a contraposição entre a celebração do fulgor da vida e a atmosfera macabra da morte.

“La Tierra lo está esperando con su corazón abierto, por eso es que el angelito parece que está despierto...”

(...) No cortejo, muito lindo, quando era muito pequenininho a criança era levada no braço como tivesse viva, assim ó (...) ²

Guzmán sustentada por Weber entende a figura da criança (anjinho) como uma “imagem”, que representa uma dominação, neste caso, carismática por meio da superioridade que a santidade lhe outorga. No cenário de um velório de anjinho, estes são dispostos em uma altura onde seja captada a atenção de todos, possuindo esse arranjo um signo distintivo que reflete a importância simbólica da criança, possuidora do altíssimo mérito de através de sua morte, guardar um lugar nos céus para os seus familiares. Cabe salientar que os modos de se representar e interpretar tal rito estão intimamente relacionados com a cosmovisão do grupo, suas crenças e a estrutura de sua vida social, porquanto *“os ritos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social”* (Segalen *apud* Guzmán, 2011:25).

A concepção de morte no mundo campesino é de igual modo divergente entre os variados grupos. Alguns a tomarão como motivo de profunda dor, outros como um momento a ser festejado, já para outros se tratará apenas de uma transição. Estes sentimentos, porém serão precedidos pela resignação e compreensão da transitoriedade da vida. A mera concordância no ritual do velório de anjinho justifica uma necessidade de consolo sustentada na ideia de que a criança foi abençoada por Deus e de que terá um lugar junto dele, reservando inclusive lugares a seus familiares. Ao contrário da ideia de castigo e má sorte frequentemente arraigada na mentalidade dos enlutados do mundo urbano, o ritual do velório de anjinho nos mostra a crença no misticismo atrelado a esta etapa da vida, não correspondendo a morte necessariamente em um fim, mas numa perspectiva cíclica, em um novo começo em outro plano.

E ante esse cenário, o cancionero popular - e neste caso nos remetemos ao Canto a lo Divino³- se faz presente, traduzindo em versos o sentimento dos enlutados e estabelecendo uma conexão entre o terreno e o celeste por meio de acordes sagrados. Alguns versos dos cantos se voltam a amargura da vida terrena e ao alento da fortuna

da criança de ascender aos céus, outros abordam a família entre outros matizes mais ou menos melancólicos. Violeta Parra através da recompilação de “*El rin del angelito*”, extraído do seio da antiga tradição musical chilena, nos brinda com uma poesia rica de conteúdo em cujos versos desenvolve diversos tópicos nos quais expõe a mentalidade nativa a respeito da relação vida-morte, carne-espírito, possuindo estes versos um véu docemente macabro:

*Adónde se fué su gracia
Adónde fué su dulzura,
Por qué se cae su cuerpo
Como la fruta madura.
Cuando se muere la carne
El alma busca en la altura
La explicación de su vida
Cortada con tal premura,
La explicación de su muerte
Prisionera en una tumba.
Cuando se muere en carne
El alma se queda oscura.*

Violeta “*foi para o céu*” numa manhã de fevereiro de 1967. Alguns saudosistas hispânicos escreveram em seus blogs que provavelmente este último verso, concluído em 1966, denunciava a tormenta de seu próprio espírito e era um prenúncio de sua aspiração pela morte que viria de seu próprio punho no ano seguinte. Seja realidade ou não essa relação, o fato é que a canção de *Violetita* faz ecoar até os dias atuais a riqueza deste ritual, já há muito proibido pelas autoridades sanitárias chilenas, tendo inegavelmente gravado a fogo no cancionero popular latinoamericano, a voz dos marginalizados da cordilheira.

NOTAS:

¹ Rin é uma dança folclórica chilena, originária especificamente de Chiloé.

² Terezinha Barros de Souza, aposentada amazônica residente em Porto Velho. Entrevista realizada em 06/09/2012.

³ O canto ao Divino é uma expressão de canto popular chilena, cuja produção artística está relacionada ao velório de anjinho”, sendo estes de fundamental importância neste ritual onde os homens responsáveis por esse costume, formavam rodas entoando os versos compostos especialmente para a ocasião, havendo incluso, de acordo com Guzmán, disputas macabras entre os cantores de quem mais comovia a mãe do pequeno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GAJARDO, Renato A. Calderón. **Ser niño en la pampa. Aproximación Histórica a la vida cotidiana en la ex oficina Santiago Humberstone. (1934-1960).** Monografía. Arica, Universidad de Tarapacá. 2010.

GUZMÁN, Claudia Palma. **Velorio de Angelito y Canto a lo Divino. El significado de la muerte infantil dentro de un ritual campesino.** Tese. Santiago de Chile, Universidad Academia de Humanismo Cristiano. 2011.

VAILATI, Luiz Lima. **Representações da morte infantil na Inglaterra Vitoriana e Brasil: um estudo comparativo.** São Paulo, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. 2011.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **Anjos insubmissos: A tradição oral dos sepultamentos infantis no sul do Ceará.** Revista brasileira de história & ciências sociais, vol 2 nº4, dezembro de 2010.